

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ UTFPR
CAMPUS PATO BRANCO
CURSO SUPERIOR DE CIÊNCIAS CONTÁBEIS

MAIRA CORREIA DOS SANTOS

ANÁLISE DAS DEMONSTRAÇÕES CONTÁBEIS DE UMA
COOPERATIVA AGROPECUÁRIA

PATO BRANCO

2008

MAIRA CORREIA DOS SANTOS

ANÁLISE DE BALANÇO DE UMA COOPERATIVA AGROPECUÁRIA

Monografia apresentada ao Curso de Ciências Contábeis da Universidade Tecnológica Federal do Paraná / Campus Pato Branco, como parcial para obtenção do Título de Bacharel em Ciências Contábeis.

Orientador: Professor Luiz Fernando Casagrande, Ms.

PATO BRANCO

2008

MAIRA CORREIA DOS SANTOS

ANÁLISE DE BALANÇO DE UMA COOPERATIVA AGROPECUÁRIA

Monografia apresentada ao Curso de Ciências Contábeis da Universidade Tecnológica Federal do Paraná / Campus Pato Branco, como parcial para obtenção do Título de Bacharel em Ciências Contábeis

BANCA EXAMINADORA

Prof. Luiz Fernande Casagrande, Ms.
Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Orientador

Prof. Osni Hoss, Dr.
Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Eliandro Schvirck, Ms.
Universidade Tecnológica Federal do Paraná

AGRADECIMENTOS

A Deus,

Pela saúde e pela oportunidade de cursar Ciências Contábeis que me proporcionou uma visão de mundo antes por mim desconhecida.

À minha família,

Pela compreensão, apoio e carinho, atitudes estas capazes de criar em mim a força que me impulsionou a chegar até aqui.

Ao professor orientador,

Por ter dedicado sua atenção e compartilhado seu conhecimento.

Aos amigos e colegas,

Pelo convívio que nos proporcionou compartilhar novas experiências e aprendizado.

À Cooperativa CASLO,

Por disponibilizar seus dados para a realização desse trabalho.

EPÍGRAFE

“O sucesso nasce do querer, da determinação e persistência em se chegar a um objetivo. Mesmo não atingindo o alvo, quem busca e vence obstáculos, no mínimo fará coisas admiráveis”.

(autor desconhecido)

RESUMO

A escolha do tema para a monografia, surgiu do interesse em assimilar os conhecimentos obtidos na disciplina “análise das demonstrações contábeis” que motivou a procurar a Cooperativa Agropecuária de São Lourenço do Oeste CASLO a fim de desenvolver o estudo de caso, que forneceu todos os documentos e informações necessárias para a realização do trabalho. A definição da metodologia e dos objetivos no início da pesquisa auxiliou a classificação dos assuntos e autores inerentes ao trabalho para realizar o referencial teórico. Neste sentido, definida a pesquisa científica, deu-se início na reestruturação do balanço patrimonial e da demonstração do resultado do exercício com a padronização de suas contas efetuou-se a aplicação dos métodos de avaliação, sendo que a análise foi realizada com as seguintes técnicas: análise vertical e horizontal, análise dos índices de estrutura da capital, liquidez e rentabilidade, alavancagem financeira, prazos médios e o teste de solvência. Para o desenvolvimento da análise também foram utilizados quadros e gráficos elaborados para facilitar a interpretação dos resultados. No decorrer do trabalho foi visto que algumas contas precisam de uma atenção especial. E sugere-se a reavaliação e a execução de medidas que eliminem ou minimizem os gargalos, podem evitar que no futuro ocorram outras reduções nas sobras da cooperativa. Para os próximos períodos, a cooperativa pode-se utilizar dos mesmos métodos de análise ou parte deles para medir o seu crescimento e suas sobras.

Palavras Chaves: Análise de Balanço, informação, decisão.

ABSTRACT

The choice of theme for the monograph, there is interest in assimilating the knowledge obtained in the discipline "analysis of financial statements" that led to finding the Agricultural Cooperative of St. Lawrence in the west CASLO to develop the case study, which provided all documents and information necessary to carry out the work. the definition of the methodology and goals at the beginning of the search helped the classification of subjects and authors involved in working to achieve the theoretical framework. In this sense, defined the scientific survey, was started in restructuring the balance sheet or the statement of income for the year with the standardization of their accounts made the application of methods of assessment, and the analysis was performed with the following techniques: Vertical and horizontal analysis, examining the structure of indices of capital, liquidity and profitability, financial leverage, and the analysis was also used tables and graphics to facilitate the interpretation of results. during the work was because some accounts need special attention attention. And it is suggested the reassessment and implementation of measures that eliminate or minimize the bottlenecks may occur in the future to avoid further reductions in the leftovers of the cooperative. For the coming periods, the cooperative can be used the same methods of analysis or part of them to measure their growth and their leftovers.

key words: Analysis of Balance, information, decision

LISTA DE QUADROS

Quadro 01 – Grupos de Contas do Balanço Patrimonial.....	20
Quadro 02 – Estrutura da D.R.E.	21
Quadro 03 – Índices para Análise	25
Quadro 04 – Índices para Determinar Rentabilidade	28
Quadro 05 – Prazos Médios.....	29
Quadro 07 – Índices de Estrutura de Capital.....	39
Quadro 08 – Resultado dos Índices Avaliados na Liquidez.....	41
Quadro 09 – Resultado dos Índices Avaliados na Rentabilidade	42
Quadro 10 – Prazos médios.....	44
Quadro 11 – Necessidade de Capital de Giro.....	45
Quadro 12 – Grau de Alavancagem Financeira	47

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 01 – Análise Vertical do Ativo	33
Gráfico 02 – Análise Vertical do Passivo.....	34
Gráfico 03 – Análise Vertical do DRE.....	35
Gráfico 04 – Análise Horizontal do Ativo	36
Gráfico 05 – Análise Horizontal do Passivo.....	37
Gráfico 06 – Análise Horizontal da DRE.....	38
Gráfico 07 – Índices de Estrutura de Capital.....	40
Gráfico 08 – Resultado dos Índices Avaliados na Liquidez.....	41
Gráfico 09 – Resultado dos Índices Avaliados na Rentabilidade.	43
Gráfico 10 – Cálculo dos Prazos Médios.....	44
Gráfico 11 – Necessidade de Capital de Giro	46
Gráfico 12 – Grau de Alavancagem Financeira.....	47

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	15
1.1 DEFINIÇÃO DO TEMA.....	16
1.2 APRESENTAÇÃO DO PROBLEMA.....	16
1.3 OBJETIVOS	16
1.3.1 Objetivo geral	16
1.3.2 Objetivos específicos.....	17
1.4 JUSTIFICATIVA DO TRABALHO.....	17
2 REFERENCIAL TEÓRICO	19
2.1 DEMONSTRAÇÕES CONTÁBEIS.....	19
2.1.1 Balanço Patrimonial.....	19
2.1.2 Demonstração do Resultado do Exercício (DRE)	21
2.2 A ANÁLISE DAS DEMONSTRAÇÕES CONTÁBEIS E SUA IMPORTÂNCIA	23
2.3 ANÁLISE ATRAVÉS DE ÍNDICES	24
2.4 ANÁLISE VERTICAL E ANÁLISE HORIZONTAL	26
2.5 ANÁLISE DO CAPITAL DE GIRO	26
2.6 ALAVANCAGEM FINANCEIRA	27
2.7 ANÁLISE DOS PRAZOS MÉDIOS.....	28
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	30
4 ESTUDO DE CASO	31
4.1 A EMPRESA OBJETO DE ESTUDO	31
4.2 ANÁLISE DOS DADOS.....	32
4.3 ANÁLISE VERTICAL/HORIZONTAL.....	32
4.4 ANÁLISE DOS ÍNDICES DA COOPERATIVA CASLO	39
4.4.1 Estrutura de capital.....	39
4.4.2 Liquidez.....	41
4.4.3 Rentabilidade	42
4.5 PRAZOS MÉDIOS.....	44
4.6 NECESSIDADE DE CAPITAL DE GIRO	45
4.7 GRAU DE ALAVANCAGEM FINANCEIRA	46
4.9 RELATÓRIO FINAL.....	48
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	51

REFERÊNCIAS.....	53
APÊNDICES.....	54

1 INTRODUÇÃO

Nos últimos anos verificou-se que a contabilidade está deixando de ser apenas uma ferramenta de controle do patrimônio para tornar-se aliada dos gestores no processo decisório.

É notório o fato de que as empresas em geral necessitam periodicamente de informações de cunho gerencial para que possam dessa forma avaliar seu desempenho e tomar decisões com mais eficiência e segurança, caso contrário ela corre o risco de não sobreviver no mercado, hoje tão competitivo.

A contabilidade dispõe de uma ferramenta cujo objetivo é justamente diagnosticar a situação econômico-financeira das empresas. Trata-se da análise das demonstrações contábeis. Essa ferramenta é muito utilizada pelos gestores e também por outros usuários da contabilidade. Os dados gerados pelo sistema contábil podem ser transformados em informações importantíssimas aos administradores para que eles possam administrar seu negócio com maior grau de confiabilidade, já para os usuários externos da contabilidade, os relatórios gerados a partir da análise das demonstrações contábeis representam uma forma de avaliar a qualidade da gestão que está sendo realizada.

É nesse sentido que o presente trabalho foi desenvolvido, através dele pretende-se oferecer ao leitor subsídios para o entendimento da importância do tema escolhido: análise das demonstrações contábeis. Para tanto apresenta os principais conceitos acerca do tema e as principais ferramentas utilizadas: análises vertical e horizontal e análise através dos índices financeiros.

A fim de complementar os aspectos teóricos, este estudo apresenta uma análise de balanço utilizando os dados da Cooperativa Agropecuária CASLO. Trata-se de uma empresa que atua no Estado de Santa Catarina há trinta anos.

Para a elaboração da análise da referida empresa utilizou-se as demonstrações contábeis dos anos de 2004, 2005, 2006 e 2007. As mesmas foram apresentadas de forma padronizada para facilitar o entendimento.

1.1 DEFINIÇÃO DO TEMA

Análise das Demonstrações Contábeis da Cooperativa Agropecuária de São Lourenço do Oeste – CASLO.

1.2 APRESENTAÇÃO DO PROBLEMA

No mercado de economia globalizada percebe-se que todas as empresas, independente do ramo em que atuem, enfrentam desafios para se manterem no mercado. Elas necessitam da informação certa na hora certa, informações das quais elas possam se valer na hora de tomar suas decisões gerenciais.

A análise das demonstrações contábeis, quando bem elaborada, possibilita extrair informações para avaliação dos resultados permitindo emitir relatório de avaliação de desempenho.

As informações geradas pela análise das demonstrações contábeis, são ferramentas úteis para a visualização da situação passada, servindo como base de reavaliação quando comparados com outros dados atuais que se melhorados podem auxiliar no planejamento de investimentos futuros.

As cooperativas também estão inseridas nesse contexto, com isso o problema do trabalho procura responder a seguinte pergunta: **como a análise de balanço pode auxiliar uma cooperativa na tomada de decisão?**

1.3 OBJETIVOS

Diante do tema e problema apresentados, têm-se como objetivos deste trabalho:

1.3.1 Objetivo geral

Elaborar a análise das Demonstrações Contábeis para a Cooperativa

Agropecuária – CASLO a fim de avaliar seu desempenho durante o período analisado e gerar informações úteis para tomada de decisão.

1.3.2 Objetivos específicos

- a) Elaborar uma revisão da literatura especializada identificando os principais conceitos e ferramentas de análise de demonstrações contábeis;
- b) Coletar dados na empresa através de documentos contábeis;
- d) Analisar a demonstrações contábeis;
- e) Emitir relatório como resultado da análise.

1.4 JUSTIFICATIVA DO TRABALHO

Esse trabalho se justifica pelo fato de pretender mostrar que nem mesmo nas cooperativas a prática contábil deve ser encarada apenas como imposição da legislação fiscal, já que as demonstrações contábeis divulgadas por essas instituições, podem trazer informações de extrema relevância para diagnosticar a saúde econômico-financeira de tais empresas. Isso pode ser visto nas próprias palavras dos autores Ludícibus e Marion (2002, p. 42):

Observamos com certa freqüência que várias empresas, principalmente as pequenas, têm falido ou enfrentam sérios problemas de sobrevivência. Ouvimos empresários que criticam a carga tributária, os encargos sociais, a falta de recursos, os juros altos etc., fatores que, sem dúvida, contribuem para debilitar a empresa. Entretanto, descendo a fundo nas nossas invenções, constatamos que, muitas vezes, a “célula cancerosa” não repousa naquelas críticas, mas na má gerência, nas decisões tomadas sem respaldo, sem dados confiáveis. Por fim observamos, nesses casos, uma contabilidade irreal, distorcida, em conseqüência de ser elaborada única e exclusivamente para atender às exigências fiscais.

Mas de nada adiantaria ter em mãos os dados gerados pelo sistema contábil, se não houver a utilização dos mesmos em prol do alcance dos objetivos da instituição, é nesse sentido que esse trabalho identifica a importância da análise

de balanço.

Para os responsáveis pela administração, a análise de balanço representa uma ferramenta a mais na tentativa de evitar erros que possam de alguma maneira prejudicar o desenvolvimento das atividades da empresa. Saber interpretar os dados gerados pela contabilidade pode ser um diferencial na hora de tomar as decisões.

No caso dos associados de uma cooperativa, as demonstrações contábeis devem proporcionar condições adequadas de avaliar seu investimento.

E por último esse estudo se justifica pela oportunidade e a possibilidade de assimilar em prática os conhecimentos e a teoria adquirida em sala de aula.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

O referencial teórico teve como finalidade buscar maior compreensão e aplicação de análise das demonstrações contábeis, para avaliar a eficiência das operações estratégicas que sustentam o negócio da empresa. O estudo buscou apresentar temas que abordam e fundamentam as teorias e cálculos que proporcionam informações para fins gerenciais.

2.1 DEMONSTRAÇÕES CONTÁBEIS

As Demonstrações contábeis apresentam as mudanças ocorridas durante o exercício e a atual situação do Patrimônio da Empresa.

De acordo com a Lei das Sociedades por Ações (1976) ao fim de cada exercício social a diretoria deverá elaborar, com base na escrituração contábil, as seguintes demonstrações financeiras:

- Balanço Patrimonial;
- Demonstração do Resultado do Exercício;
- Demonstração de Lucro ou Prejuízo Acumulado;
- Demonstração de Origem dos Recursos Acumulados.

A estrutura das Demonstrações Contábeis está descrita nessa mesma Lei e de acordo com Matarazzo (2003) todas as empresas no Brasil divulgam suas demonstrações financeiras sob a forma prevista na Lei das S.A.

2.1.1 Balanço Patrimonial

O Balanço Patrimonial é a demonstração que apresenta todos os bens, direitos e deveres da empresa. O mesmo se classifica em Ativo e Passivo, de acordo com Marion (2005, p. 42) “reflete a posição financeira em determinado momento, normalmente no fim do ano ou de cada período prefixado”.

O quadro 01 mostra os Grupos de Contas do Balanço Patrimonial.

ATIVO	PASSIVO
Circulante	Circulante
São contas que estão constantemente em giro – em movimento - sendo que a conversão em dinheiro será, no máximo, no próximo exercício social.	São obrigações exigíveis que serão liquidadas no próximo exercício social: nos próximos 365 dias após o levantamento do Balanço.
Realizável a Longo Prazo	Exigível a Longo Prazo
São Bens e Direitos que se transformarão em dinheiro após um ano do levantamento do Balanço.	São as obrigações exigíveis que serão liquidadas com prazo superior a um ano - Dívidas a longo prazo.
Permanente	Patrimônio
São Bens e Direitos que não se destinam a venda e tem vida útil, no caso de bens, longa. E pode variar entre 5 a 25 períodos ou anos em média.	São os recursos dos proprietários aplicados na empresa. Os recursos significam o capital mais o seu rendimento – Lucros e Reservas.
- Investimentos	
São as inversões financeiras de caráter permanente que geram rendimentos e não são necessários à manutenção da atividade fundamental da empresa.	
- Imobilizado	
São itens de natureza permanente que serão utilizados para a manutenção da atividade básica da empresa.	
- Diferido	
São gastos com serviços que beneficiarão resultados de exercícios futuros.	

Quadro 01 – Grupos de Contas do Balanço Patrimonial
 Fonte: Marion, 2005, p. 75.

A Lei das S. A determina ainda que as contas no ativo serão dispostas em ordem decrescente de grau de liquidez dos elementos nela registrados.

Para que se faça uma boa análise das demonstrações contábeis, Marion (2005) faz algumas sugestões: preparar as demonstrações contábeis, ou seja, reclassificar os itens de maneira mais adequada, mesmo que já tenha um padrão definido, é preciso dar um tratamento mais rigoroso na hora de se fazer uma análise.

A reestruturação do balanço e da DRE facilita a aplicação de fórmulas para cálculos e, simplifica a quantidade de dados para serem interpretados e analisados.

2.1.2 Demonstração do Resultado do Exercício (DRE)

A DRE apresenta o resultado econômico obtido pela empresa durante um determinado período. Essa demonstração pode ser apresentada de forma mais analítica: Receitas, destaque dos impostos, grupos de despesas e por fim o lucro. A Demonstração do Resultado do Exercício é um relatório de suma importância, pois traz várias informações para o processo de tomada de decisão.

Para Crepaldi (2002, p. 203) a estrutura da Demonstração do Resultado do Exercício discriminará, conforme o quadro 02.

- | |
|--|
| <p>I – a receita bruta das vendas e serviços, as deduções das vendas, os abatimentos e os impostos;</p> <p>II – a receita líquida das vendas e serviços, o custo das mercadorias e serviços vendidos e o lucro bruto;</p> <p>III – as despesas com vendas, as despesas financeiras, deduzidas das receitas, as despesas gerais e administrativas e outras despesas operacionais;</p> <p>IV – o lucro ou prejuízo operacional, as receitas e despesas não operacionais e o saldo da conta de correção monetária;</p> <p>V – as participações de debêntures, empregados, administradores e partes beneficiárias e as contribuições para instituições ou fundos de assistências ou previdência de empregados;</p> <p>VI – o lucro ou prejuízo do exercício e seu montante por ação do capital social.</p> |
|--|

Quadro 02 – Estrutura da D.R.E.

Fonte: Crepaldi, 2002, p. 203

Crepaldi (2002, p. 203) destaca a importância de se diferenciar receitas e encaixes de dinheiro. A receita é registrada no momento da venda. Já o encaixe ocorre quando do efetivo pagamento pelo cliente. Dessa forma, uma empresa, pode ter receitas e, no entanto, ter que tomar empréstimos por falta de caixa. O equilíbrio entre receitas e caixa é fruto de políticas de vendas e cobrança adequadas.

Conforme Crepaldi (2002, p. 203) a teoria e a legislação contábil brasileira recomenda que as receitas e despesas devam obedecer ao regime de competência. Assim, na determinação do resultado do exercício serão computados as receitas, rendimentos e ganhos no período, independentemente de sua realização em moeda, e os custos, despesas, encargos e perdas, pagos ou incorridos, correspondentes a essas receitas e rendimentos.

Cabe aqui uma observação a respeito das demonstrações contábeis. A lei 11638/07 trouxe modificações significativas na contabilidade das sociedades anônimas e de grande porte.

A nova lei criou mais um subgrupo no ativo permanente com o título de intangível, trata-se de direitos que tenham por objeto bens incorpóreos destinados à manutenção da companhia ou exercidos com essa finalidade, inclusive o fundo de comércio adquirido. consideram-se ainda, intangíveis os seguintes bens marcas e patentes, direitos autorais, autorizações e concessões, etc.

Em decorrência dessa alteração foram modificados, também, os incisos IV e V do artigo 179 da Lei das S. A que dispõem sobre imobilizado e o diferido.

A nova lei também instituiu as seguintes demonstrações: Demonstração de Fluxo de Caixa (DFC) e a Demonstração do Valor Adicionado (DVA). A primeira substituiu a Demonstração de Origens e Aplicação de Recursos (DOAR) e tem objetivo analisar as alterações ocorridas, durante o exercício, no saldo de caixa e equivalente de caixa disponível. A segunda demonstração tem por objetivo representar o valor da riqueza gerada pela companhia, a sua distribuição entre os elementos que contribuíram para a sua geração, tais como empregados, financiadores, acionistas, governo e outros, bem como a parcela da riqueza não distribuída.

Todas as demonstrações contábeis são passíveis de análise, porém no estudo de caso desenvolvido nesse trabalho optou-se por analisar apenas o balanço patrimonial e a DRE considerando que para Franco (1989, p. 97) estas são “as demonstrações contábeis que melhores e mais completos elementos oferecem para

a análise”. Optou-se também por manter a estrutura do balanço patrimonial e da DRE de acordo com a Lei 6404/76, porque as demonstrações analisadas no capítulo quatro foram elaboradas conforme essa mesma lei.

2.2 A ANÁLISE DAS DEMONSTRAÇÕES CONTÁBEIS E SUA IMPORTÂNCIA

A análise das demonstrações contábeis é uma técnica contábil pela qual é possível extrair das demonstrações contábeis o máximo possível de informações úteis aos usuários da contabilidade.

Para Franco (1989, p. 93) “analisar uma demonstração contábil é decompô-la nas partes que a formam, para melhor interpretação de seus componentes”.

Já Ludícibus (1982, p. 20) conceitua a análise como “a arte de saber extrair relações úteis, para o objetivo econômico que tivermos em mente, dos relatórios contábeis tradicionais e de suas extensões e detalhamentos”. O autor refere-se a uma arte por se tratar de uma técnica que apresentará resultados que podem ser semelhantes, mas nunca idênticos, pois sofre influência da visão do analista.

Para Matarazzo (2003, p.15) o objetivo da análise das demonstrações contábeis “é extrair informações das demonstrações financeiras para a tomada de decisões”.

Franco (1989, p. 20) contribui com o tema quando reconhece a importância da análise das demonstrações contábeis, o autor afirma ser “através dela que a contabilidade fornece informações analíticas e detalhadas que facilitam a leitura e a interpretação das demonstrações contábeis”.

Para Franco (1989, p. 93) “se faz necessário analisar as demonstrações contábeis para conseguir um maior grau de detalhamento das informações sobre o estado em que se encontra o patrimônio e suas variações”.

Segundo Franco (1989), uma análise bem elaborada deve primeiramente decompor o todo em partes, em seguida é indispensável compará-las entre si e também no conjunto como um todo verificando a eficiência que cada uma representa para o patrimônio.

“A análise das demonstrações contábeis de balanços pode determinar as potencialidades e perspectivas para a empresa no futuro através do exame de balanços projetados”. (FRANCO, 1989. p. 94).

A técnica de analisar balanços possui muitos usuários como as instituições financeiras e fornecedores que avaliam as contas a receber e a pagar devido ao risco de conceder empréstimo ou comercializar com determinada instituição, os investidores que antes de escolher seu investimento, mas certamente o maior usuário são os administradores.

2.3 ANÁLISE ATRAVÉS DE ÍNDICES

A partir do momento em que as Demonstrações Contábeis estiverem prontas, ou seja, padronizadas é possível dar início a análise através dos índices. A utilização das demonstrações faz maior sentido quando se mede o desempenho da empresa, como a capacidade de solver seus compromissos, grau de risco e lucratividade ou rentabilidade.

Os índices constituem uma técnica de análise muito empregada pelo fato de facilitar o trabalho do analista, pois a interpretação através de percentuais é mais significativa que a observação de montantes. De acordo com Matarazzo (2003, p. 147) “a característica fundamental é fornecer visão ampla da situação econômica ou financeira da empresa”.

Conforme Matarazzo (2003) os índices podem evidenciar dois tipos de situações: a financeira e a econômica, visto que os índices da situação financeira se dividem em índices de estrutura de capitais e índices de liquidez. Aplicando-se os índices de estrutura de capital é possível conhecer as fontes financiadoras de recursos e onde estes foram aplicados, com isso tem-se noção das grandes linhas de decisões financeiras tomadas na empresa.

Os índices de liquidez avaliam a capacidade da empresa em saldar seus compromissos seja no curto ou longo prazo. Para evidenciar a situação econômica utiliza-se os índices de rentabilidade, trata-se de índices que mostram quanto renderam os investimentos, avaliando o êxito econômico obtido pela empresa.

Índices para Análise				
Símbolo	Índice	Fórmula	Indica	Interpretação
Estrutura Capital				
CT/PL	Participação de capital de terceiros (endividamento)	$\frac{\text{Capitais de terceiros}}{\text{Patrimônio Líquido}} \times 100$	Quanto a empresa tomou de capitais de terceiros p/ cada 100 de capital próprio	Quanto menor, melhor.
PC/CT	Composição de endividamento	$\frac{\text{Passivo circulante}}{\text{Capitais de terceiros}} \times 100$	Percentual de obrigações a curto prazo em relação as obrigações totais	Quanto menor, melhor.
AP/PL	Imobilização do Patrimônio Líquido	$\frac{\text{Ativo permanente}}{\text{Patrimônio Líquido}} \times 100$	Quanto dinheiro a empresa aplicou no ativo permanente p/ cada 100 de patrimônio líquido	Quanto menor, melhor.
AP/PL+ELP	Imobilização dos recursos não correntes	$\frac{\text{Ativo Permanente}}{\text{PL} + \text{ELP}} \times 100$	Que percentual dos recursos não correntes (PL e ELP) foi destinado ao ativo permanente	Quanto menor, melhor.
Liquidez				
LG	Liquidez geral	$\frac{\text{Ativo C} + \text{realizável LP}}{\text{Passivo C} + \text{exigível LP}}$	Quanto a empresa possui de ativo circulante + realizável LP p/ cada 1 de dívida total	Quanto maior, melhor.
LC	Liquidez corrente	$\frac{\text{Ativo circulante}}{\text{Passivo circulante}}$	Quanto a empresa possui de ativo circulante p/ cada 1 de passivo circulante	Quanto maior, melhor.
LS	Liquidez Seca	$\frac{\text{Ativos rápida conversibilidade}}{\text{Passivo circulante}}$	Quanto a empresa possui de ativo líquido p/ cada 1 de passivo circulante	Quanto maior, melhor.
Rentabilidade				
V/AT	Giro do ativo	$\frac{\text{Vendas Líquidas}}{\text{Ativo Total}}$	Quanto a empresa vendeu para cada 1 de investimento total	Quanto maior, melhor.
LL/V	Margem Líquida	$\frac{\text{Lucro Líquido}}{\text{Vendas Líquidas}} \times 100$	Quanto a empresa obtém de lucro para cada 100 vendidos	Quanto maior, melhor.
LL/AT	Rentabilidade do Ativo	$\frac{\text{Lucro Líquido}}{\text{Ativo Total}} \times 100$	Quanto a empresa obtém de lucro para cada 100 de investimento total	Quanto maior, melhor.
LL/PL	Rentabilidade do Patrimônio Líquido	$\frac{\text{Lucro Líquido}}{\text{Patrimônio Líquido médio}} \times 100$	Quanto a empresa obtém de lucro para cada 100 de capital próprio investido, em média, no exercício.	Quanto maior, melhor.

Quadro 03 – Índices para Análise
 Fonte: Matarazzo, 2003, p. 152

Conforme apresentado no quadro 03, além da análise através dos índices, também é possível mensurar informações através de outros índices; como a análise horizontal e vertical de balanços, análise do capital de giro, alavancagem financeira e análise dos prazos médios.

2.4 ANÁLISE VERTICAL E ANÁLISE HORIZONTAL

De acordo com Matarazzo (2003) essa é uma técnica que proporciona informações detalhadas sobre os elementos das demonstrações contábeis, como por exemplo, é possível saber qual o principal credor da empresa. Na análise vertical do balanço verifica-se o percentual que cada conta representa em relação ao total do ativo, no caso da DRE, o percentual é calculado em relação ao total das vendas. Na análise Vertical constata-se a real importância de cada elemento para a demonstração financeira a que pertence.

A análise horizontal das demonstrações contábeis é a variação que ocorre em cada conta em relação ao ano anterior ou a um ano base, dessa forma é possível saber por exemplo se a atividade da empresa cresceu e a qual a porcentagem desse crescimento.

Matarazzo (2003) ensina que as análises vertical e horizontal não devem ser feitas isoladamente a fim de evitar conclusões distorcidas, pois uma conta pode apresentar uma variação de 2000% na análise horizontal, mas, verificando-se análise vertical percebe-se aquele item é irrelevante para a empresa.

2.5 ANÁLISE DO CAPITAL DE GIRO

A análise e gerenciamento do capital de giro é uma tarefa importante para um bom desempenho financeiro da empresa, pois uma empresa que possui baixa capacidade de pagamento corre o risco de ter suas negociações afetadas por falta de recursos financeiros e com isso poderá comprometer a rentabilidade da mesma.

Conforme Matarazzo (2003, p. 338) a diferença entre investimentos no Ativo Circulante Operacional (ACO) e Passivo Circulante Operacional (PCO) é quanto a empresa necessita de capital para financiar o giro da atividade, ou seja, a Necessidade de Capital de Giro (NCG). Portanto, **$NCG = ACO - PCO$** .

Recomenda-se a análise do capital de giro para evitar que futuramente a empresa tenha dificuldades em saldar compromissos.

Para financiar as necessidades de capital de giro, há três tipos de fontes financiadoras, são elas: “Capital Circulante Próprio; Empréstimos e Financiamentos Bancários de Longo Prazo; Empréstimos Bancários de Curto Prazo e Duplicatas Descontadas” (MATARAZZO, 2003, p. 339).

2.6 ALAVANCAGEM FINANCEIRA

Ao utilizar a alavancagem financeira como instrumento de análise é possível avaliar a qualidade da administração financeira. Para Matarazzo (2003, p.402) “a alavancagem financeira é o efeito da estrutura de financiamento no lucro dos acionistas”.

Segundo Crepaldi (2002, p. 252) está associado à estratégia da empresa de elevar a taxa de retorno dos acionistas por meio das alterações na composição do Passivo, que possibilitem melhor adequação dos custos financeiros às potencialidades de lucratividade operacional da empresa.

Para calcular o grau de alavancagem financeira é necessário conhecer primeiro os índices de rentabilidade, Matarazzo (2003, p. 397) indica três índices básicos conforme mostra o quadro a seguir.

Nome	Símbolo	Fórmula	Significado
Retorno s/ Ativo	RsA	$\frac{\text{Lucro antes despesa financeira}}{\text{Ativo Operacional}}$	Quanto a empresa gera de lucro p/ cada 100 de investimentos.
Custo da Divida	CD	$\frac{\text{despesas financeiras}}{\text{passivo gerador de encargos}}$	Quanto a empresa paga de juros para cada 100 tomados junto a Instituições Financeiras
Retorno s/ Patrimônio Liquido	RsPL	$\frac{\text{Lucro Liquido}}{\text{Patrimônio Liquido}}$	Quanto os acionistas ganham para cada 100 de investimentos.

Quadro 04 – Índices para Determinar Rentabilidade
Fonte: Matarazzo, 2003, p. 397

Para saber se o retorno é adequado ou não pode ser aplicada a fórmula do Grau de Alavancagem Financeira: **GAF = RsPL/ RsA.**

A alavancagem financeira está ligada à capacidade da empresa em conseguir maximizar o resultado da atividade através da estrutura de financiamento.

2.7 ANÁLISE DOS PRAZOS MÉDIOS

A análise dos prazos médios é uma ferramenta importante para a análise das demonstrações contábeis, através desses índices é possível mensurar qual o tempo de esgotamento dos estoques e sua posterior renovação, como também é possível prever o prazo de recebimento das vendas e ainda o prazo de pagamento dos fornecedores.

Matarazzo (2003) recomenda analisar os índices de prazos médios conjuntamente para dessa forma, determinar as estratégias empresariais. Há três índices de prazos médios que podem ser encontrados a partir das Demonstrações Financeiras.

O quadro nº 05 mostra o resumo dos Prazos Médios e suas Fórmulas:

$\text{PMRV} = \text{Prazo Médio de Recebimento} = 360 \times \frac{\text{Duplicatas a Receber}}{\text{Vendas}}$
$\text{PMRE} = \text{Prazo Médio de Renovação de Estoques} = 360 \times \frac{\text{Estoques}}{\text{CMV}}$
$\text{PMPC} = \text{Prazo Médio de Pagamento de Compras} = 360 \times \frac{\text{Fornecedores}}{\text{Compras}}$

Quadro 05 – Prazos Médios
 Fonte: Matarazzo, 2003, p. 318

Através do Índice de Prazo Médio de Recebimento de Vendas, podem ser calculados, quantos dias, em média, a empresa terá de esperar para receber suas duplicatas e o volume de investimentos em duplicatas a receber. Assim percebe-se que o - PMRV – expressa o tempo decorrido entre a venda e o recebimento.

O Prazo Médio de Pagamento de Compras representa o tempo médio que a empresa precisa para efetuar o pagamento da compra de matéria-prima. O Prazo Médio de Renovação de Estoques representa o tempo médio que a empresa gasta para efetuar a reposição de todo o seu estoque.

Matarazzo (2003, p. 317) chama a atenção para a diferença entre a fórmula do prazo médio de renovação de estoque e às anteriores.

Enquanto as duplicatas a receber ou a pagar decorrem das vendas ou das compras passadas, os estoques relacionam-se com as vendas futuras. O correto seria, pois tomar as vendas dos próximos meses após o balanço. Como esse dado, porém, não é disponível ao analista externo, tomam-se as próprias vendas passadas a preço de custo, dadas pelo custo das mercadorias vendidas.

Para a obtenção de um bom resultado de análise de balanço, é necessário que haja veracidade e confiabilidade nos dados apresentados nos documentos analisados, pois se alguma informação, ou dado estiver incoerente o resultado da análise pode ficar comprometido.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este trabalho caracteriza-se como um estudo de caso, e teve como ponto de partida uma pesquisa bibliográfica sobre análise de balanço.

Por tratar especificamente da análise de balanços da cooperativa CASLO, considerando-se que o resultado é válido somente para esta empresa não pode ser aplicado nas demais.

Para Gil (1999, p. 73) “o estudo de caso é caracterizado pelo estudo profundo e exaustivo de um ou poucos objetos, de maneira que permita seu amplo e detalhado conhecimento”.

Para Fachin (2001, p. 42) no estudo de caso todos os aspectos são investigados e por tratar-se de um estudo intensivo “podem até aparecer relações que de outra forma não seriam descobertas”.

Quanto à análise dos dados utilizou-se a abordagem quantitativa e a qualitativa a partir das Demonstrações Contábeis da Cooperativa CASLO, baseada na interpretação dos referidos dados, levando-se em conta: as variações de um período em relação aos outros, se as variações foram positivas ou negativas.

A coleta de dados foi realizada com base nos relatórios emitidos pelo setor de contabilidade da empresa, Balanço Patrimonial e DRE de 2004 a 2007.

Após a coleta de dados, estes foram avaliados e interpretados.

4 ESTUDO DE CASO

Neste capítulo é apresentada a empresa na qual o trabalho foi aplicado, bem como a análise dos dados e posteriormente as considerações sobre o capítulo.

As demonstrações contábeis foram padronizadas conforme modelo sugerido por Matarazzo (2003) e encontram-se no apêndice.

4.1 A EMPRESA OBJETO DE ESTUDO

A CASLO é uma Cooperativa Agropecuária localizada no município de São Lourenço do Oeste - SC que iniciou suas atividades no dia 06 de junho de 1978, após várias reuniões e reivindicações dos agricultores, na sede do Clube Recreativo Araucária, onde se reuniram várias entidades locais e agricultores em Assembléia Geral, fundou-se a Cooperativa Agropecuária São Lourenço do Oeste.

Porém nos períodos de 1996 a 1999 a Cooperativa passou por grandes dificuldades financeiras que exigiu muito empenho e comprometimento de toda a administração, medidas para contenção de custos e gastos foram tomadas, mesmo assim houve a necessidade de desmobilizar-se de alguns investimentos, uns considerados inviáveis, outros até rentáveis.

A Cooper CASLO está confiante na continuidade dos trabalhos que deverão trazer muito crescimento para a Cooperativa e para cada membro participante dela, e acredita fielmente que o Cooperativismo ainda é a única grande alternativa para que os pequenos produtores alcancem seus objetivos e resultados almejados.

A sociedade objetiva promover: o estímulo, o desenvolvimento progressivo, e a defesa de suas atividades econômicas, de caráter comum. A venda em comum de sua produção agrícola e agropecuária nos mercados locais e nacionais. E para consecução de seus objetivos transporta do local da produção para suas dependências os produtos de origem vegetal ou animal de seus associados, classifica, padroniza, beneficia e armazena tais produtos. Fornece aos associados e demais clientes, sementes, insumos, fertilizantes, herbicidas, inseticidas, rações e concentrados e demais mercadorias de gêneros alimentícios.

A Cooperativa Agropecuária CASLO atualmente conta com quatro filiais no interior do município sede e uma no município de Novo Horizonte para ficar mais próximo e melhor atender aos associados.

Além das filiais a CASLO também possui uma Agro veterinária e um Centro Administrativo na cidade de São Lourenço do Oeste.

A CASLO conta com um quadro social de 659 associados e 57 funcionários.

Fonte: dados da pesquisa

4.2 ANÁLISE DOS DADOS

Na seqüência são apresentados os dados e a interpretação dos mesmos, utilizou-se das técnicas e ferramentas de análise de balanço expostas no referencial teórico. O Balanço Patrimonial e a DRE foram padronizados conforme modelo sugerido por Matarazzo (2003) e encontram-se em anexo.

4.3 ANÁLISE VERTICAL/HORIZONTAL

Através do cálculo da Análise Vertical é possível identificar o percentual que uma determinada conta contábil representa em relação ao total do ativo, passivo, ou com relação ao total da receita no caso da DRE.

Na seqüência foram apresentados os gráficos com as principais contas que compõem o conjunto das Demonstrações Contábeis juntamente com a interpretação dos índices encontrados. No gráfico 01, foram apresentados os resultados da análise vertical do ativo:

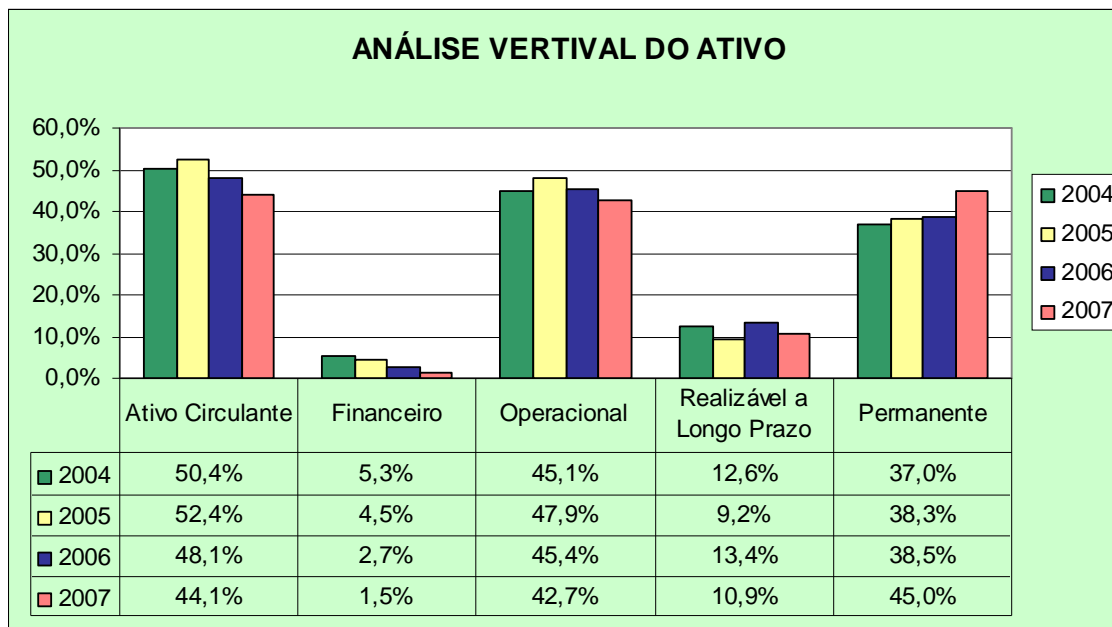


Gráfico 01 – Análise Vertical do Ativo
 Fonte: Dados da pesquisa

A Análise Vertical do ativo aponta que o circulante apresentou queda, pois no período de 2004 representava 50,4% e em 2007 diminuiu para 44,1%, mesmo com uma queda de 6,3%, foi no circulante que esteve concentrada a maior parte do capital, com exceção do último ano no qual o permanente atingiu 45,0%.

O valor representado pelo Ativo Circulante Financeiro em 2004 de 5,3% foi o maior, depois disso a queda foi acentuada ano a ano chegando a 1,5% em 2007. Quanto ao operacional o valor manteve-se na mesma média durante os quatro períodos, sendo que é no operacional que fica a maior concentração do Ativo Circulante.

Os percentuais do Realizável a Longo Prazo, também não oscilaram muito, ficando entre 9,2% e 13,4%.

Já o Ativo Permanente que em 2004 era de 37,0% passou para 38% nos dois anos seguintes, e em 2007 atingiu 45,0%, resultado de investimentos no permanente.

A Análise Vertical do Passivo apresentou diferenças maiores em algumas contas. No gráfico 02 foi possível visualizar as variações:

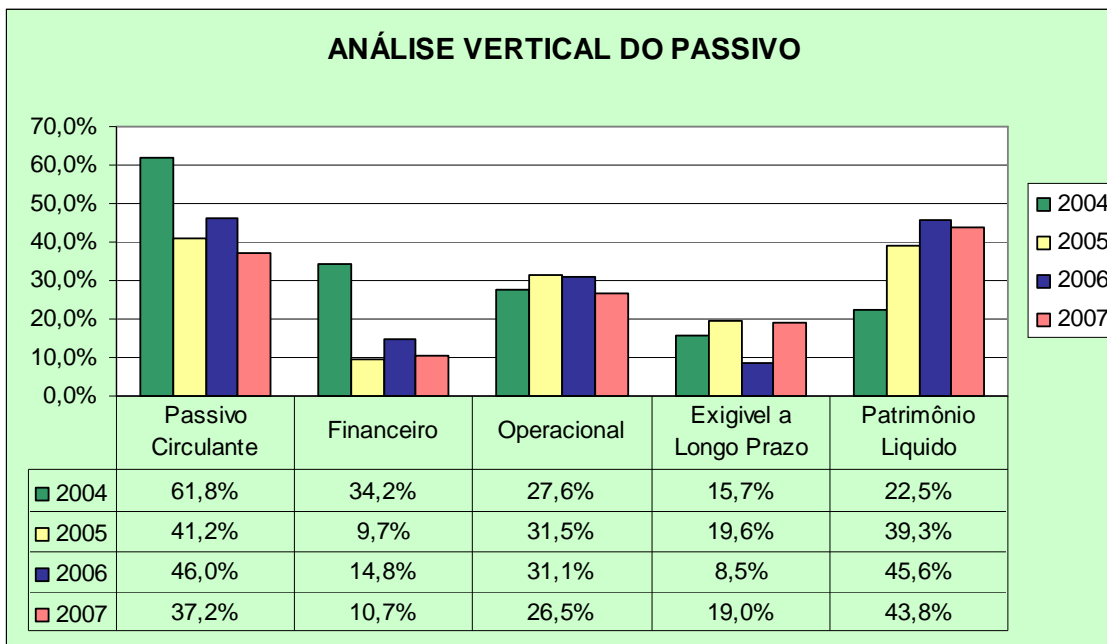


Gráfico 02 – Análise Vertical do Passivo
Fonte: Dados da pesquisa

O Passivo Circulante que em 2004 representava 61,8% reduziu para 37,2% em 2007, o que significa uma diferença de 24,6% durante os quatro anos, isso ocorreu porque a cooperativa conseguiu negociar alguns empréstimos reduzindo assim o valor dessa conta, dessa forma o Passivo Circulante financeiro também apresentou queda, enquanto que o operacional manteve-se sem grandes variações.

Quanto ao Exigível a Longo Prazo, em 2006 ocorreu o menor percentual 8,4%, nesse ano a cooperativa conseguiu negociar novamente suas dívidas por isso a queda, porém no ano seguinte o ELP volta a crescer representando 18,97 pois esses novos empréstimos foram para ampliar as instalações.

A conta do Patrimônio chama a atenção em 2004 ao que representava-se em 22,5% e no ano seguinte passou para 39,3%, diferença de 16,8% influência causada pelo lucro do período. Nos períodos seguintes esse índice ficou em 45,5% em 2006, período esse no qual houve o maior crescimento, e diminuiu quase 2% em 2007 ficando com 43,8%.

A Análise Vertical da DRE (Demonstração do Resultado do Exercício) também está representada através do gráfico 03 com as principais contas, os índices foram calculados a partir da Receita Líquida, a qual já está descontada as devoluções e os impostos sobre vendas:

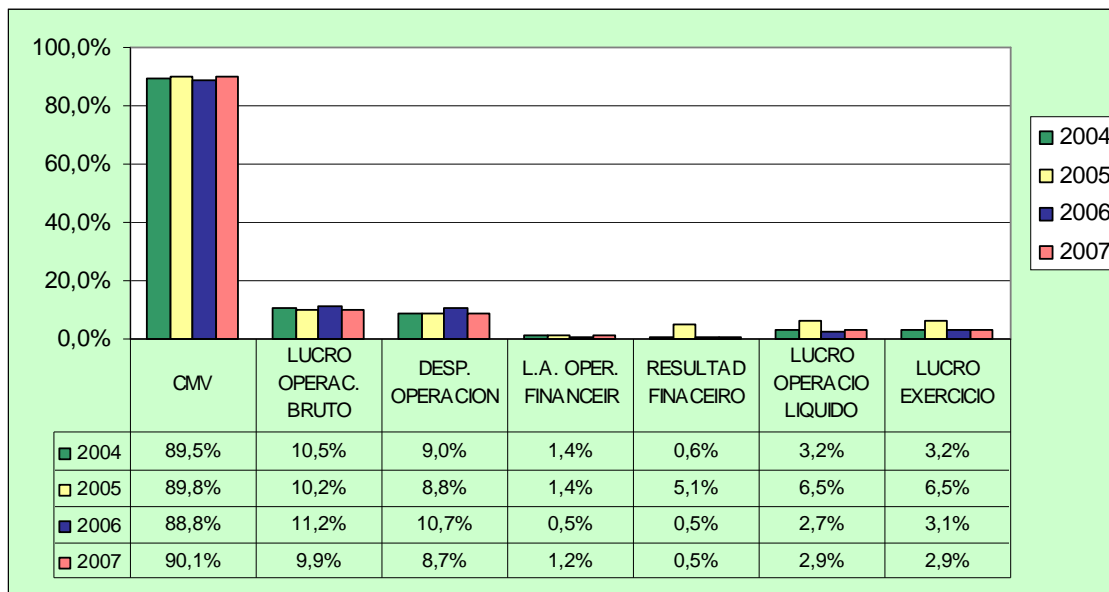


Gráfico 03 – Análise Vertical do DRE
Fonte: Dados da pesquisa

No gráfico 03 foi possível observar que o CMV durante todo o período em questão esteve numa mesma média próxima a 90% do total da Receita Operacional Líquida.

O Lucro Operacional Bruto e as Despesas Operacionais também se mantiveram com uma média que variou bem pouco.

Porém o Resultado Financeiro chama a atenção em 2005, 5,0%, cerca de 4,5% a mais que nos demais períodos. Observou-se na DRE que isso ocorreu devido ao aumento das receitas financeiras que chegaram a R\$ 767.631,00, resultado de negociação de dívidas no exigível longo prazo, boa parte dessas dívidas foram perdoadas com isso gerando variação ativa lançada na contabilidade como receita financeira.

Resultado Financeiro em 2005 impactou fortemente no lucro do exercício. Nos períodos seguintes o percentual não foi tão elevado, mas nem por isso ruim, pois voltou a uma média semelhante à de 2004.

A apuração da Análise Horizontal gera informações de quanto a empresa aumentou ou diminuiu em suas contas entre um período e outro. Segue abaixo as principais contas comentadas e ilustradas através de quadros e gráficos, sendo que a primeira conta demonstrada no gráfico nº04 se refere à Análise Horizontal do Ativo.

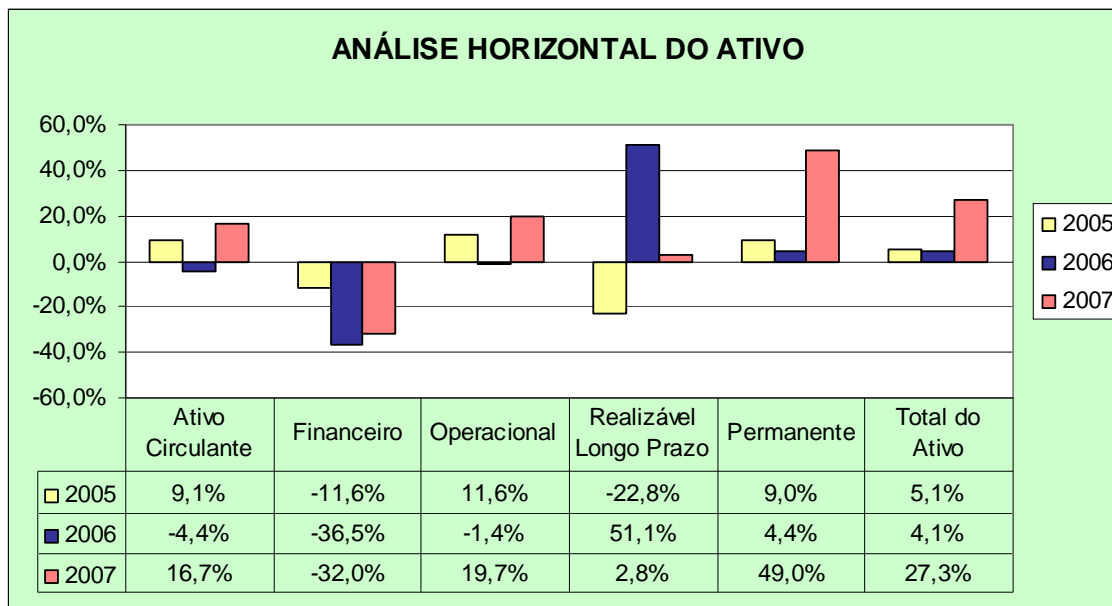


Gráfico 04 – Análise Horizontal do Ativo
Fonte: Dados da pesquisa

Análise Horizontal do Ativo Circulante apresentou queda de 4,4% em 2006, e aumento de 16,7% em 2007. A redução do Financeiro em 36,5% em 2006 e somados a queda do Operacional contribuíram para que o rendimento do Total do Circulante fosse baixo. O crescimento do Circulante em 2007 teve influência significativa da conta clientes que aumentou 67,28%.

Quanto ao Realizável a Longo Prazo, esse índice oscilou bastante, no ano de 2006 teve um aumento de 51%, por causa dos créditos de associados, em 2005 teve uma queda de 22,8% e em 2007 aumentou apenas de 2,8%.

O Permanente em 2007 apresentou o maior crescimento cerca de 50%, o motivo se deve principalmente ao crescimento do Sistema Cooperativo e investimentos no imobilizado, a cooperativa ampliou suas instalações.

A avaliação do Total do Ativo mostra que em todos os períodos houve crescimento, sendo que 2007 foi o período que obteve o resultado mais expressivo com 27,2%.

De uma maneira geral o Ativo teve resultados positivos durante os três períodos em questão, o que significa que a Cooperativa trabalha em busca do crescimento.

A Análise Horizontal do Passivo tem suas principais contas apresentadas no gráfico 05.

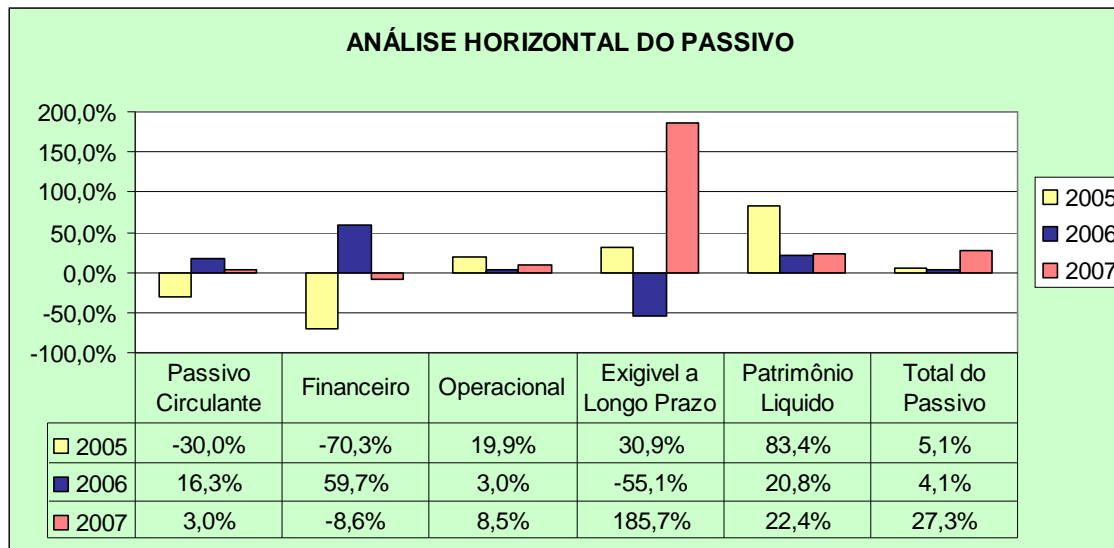


Gráfico 05 – Análise Horizontal do Passivo
Fonte: Dados da pesquisa

O Passivo Circulante teve queda de 30% em 2005, e nos anos seguintes teve um aumento de 16,3% e 3,0% respectivamente. Um dos fatores que influenciaram em 2005 foi a redução de mais de 70% do Financeiro, o que significa que a Cooperativa tomou menos empréstimos a Curto Prazo. Porém, no ano seguinte essa mesma conta aumentou quase 60%, voltando a diminuir cerca de 9% em 2007. Já o Operacional não apresentou grandes variações. As variações no Financeiro foram o que determinaram a oscilação do Total do Passivo Circulante.

A conta do Exigível a Longo Prazo oscilou bastante. No ano de 2005 teve aumento de 30,9% em relação a 2004, no ano seguinte reduziu 55,1%, observa-se que nesse mesmo período o Financeiro, no Passivo Circulante, aumentou quase 60%, isso significa que houve migrações na forma de se adquirir empréstimos e financiamentos. Ainda no Exigível a Longo Prazo, em 2007 constatou-se um aumento de 185,7%.

No Patrimônio Líquido o maior crescimento foi em 2005 quando atingiu 83,4%, isso ocorreu principalmente em razão do Lucro Líquido desse mesmo período que garantiu um aumento de 260,4% dos lucros acumulados. Nos demais períodos, a média manteve-se em torno de 20%.

O Total do Passivo teve pouca variação entre 2004 e 2006, e somente em 2007, é que se percebe a maior diferença, isso devido ao aumento do Exigível em Longo Prazo.

O gráfico 06 refere-se à DRE, e da mesma forma que os anteriores, apresentam as principais contas:

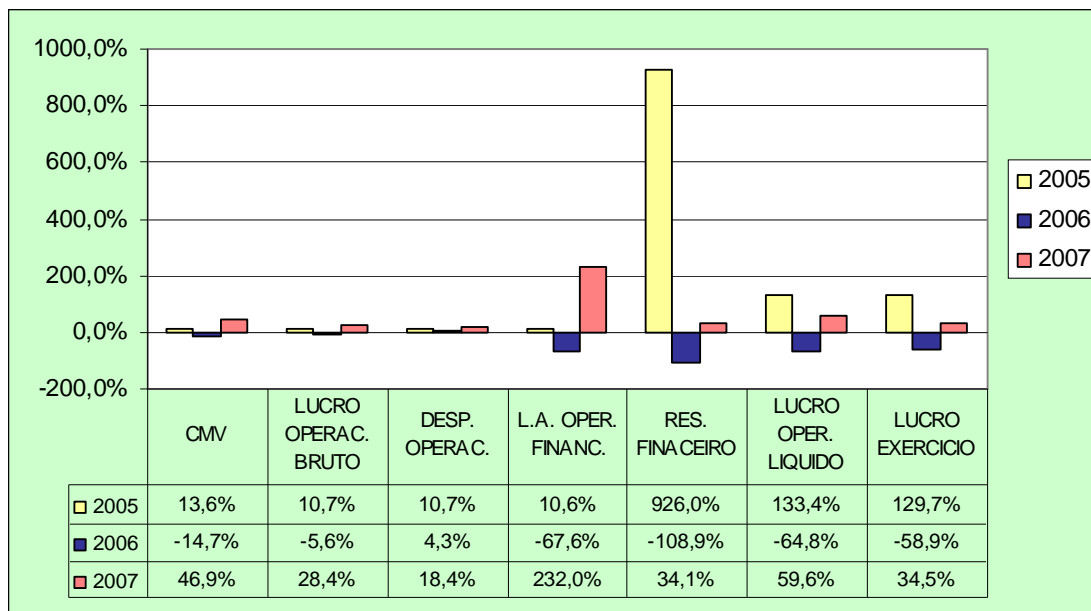


Gráfico 06 – Análise Horizontal da DRE

Fonte: Dados da pesquisa

No ano de 2006 todos os percentuais estiveram em queda, com exceção da despesa operacional, o CMV teve uma queda de 14,7%, da mesma forma o Lucro Operacional Bruto diminuiu 5,6%, e no ano seguinte essas duas contas tiveram o aumento de 46,9% e 28,4% respectivamente.

O Lucro antes das Operações Financeiras chama a atenção, pois em 2005 o crescimento foi de 10,7%, em 2006, reduziu 67,6% isso ocorreu devido à despesa operacional, pois enquanto a receita e as demais contas tiveram redução durante esse ano, a mesma aumento causando uma redução de 67,6% no Lucro antes das operações financeiras. Em 2007 todas as contas voltam a crescer, resalta-se aqui o fato de que o lucro antes das operações financeiras aumentou 232% devido à comparação com o ano anterior o qual apresentou queda elevada.

Quanto ao Resultado Financeiro houve um aumento de 926% em 2005, no ano seguinte reduziu 108,9%, e em 2007 voltou a subir 34,1%. Essas variações resultaram num aumento elevado dos Lucros Acumulados no PL em 2005. Como ocorreu uma queda brusca do Resultado Financeiro em 2006, os Lucros Acumulados não tiveram o mesmo acréscimo nesse período, e isso ficou bem claro no gráfico na

conta Lucro do Exercício. No último período o Lucro do Exercício melhorou fechando com evolução de 34,5.

4.4 ANÁLISE DOS ÍNDICES DA COOPERATIVA CASLO

Os índices de estrutura de capital, liquidez, rentabilidade avaliados na Cooperativa CASLO foram calculados seguindo o entendimento do autor Matarazzo (2003). O período avaliado foi de quatro anos, e na seqüência do trabalho segue as tabelas e gráficos com a interpretação dos índices obtidos.

4.4.1 Estrutura de capital

Através da avaliação da estrutura de capital é possível visualizar a composição do capital da empresa e seu grau de endividamento, quanto menor esse índice melhor para a empresa.

A apuração da Estrutura de Capital apresentou os seguintes resultados, conforme mostra o quadro e o gráfico a seguir.

	2004	2005	2006	2007
Capital de Terceiros	344,6%	154,7%	119,4%	128,2%
Composição do Endividamento	79,7%	67,7%	84,5%	66,2%
Imobilização do Patrimônio	164,4%	97,7%	84,4%	102,7%
Imobilização dos Recursos não Correntes	96,8%	65,2%	71,2%	71,7%

Quadro 07 – Índices de Estrutura de Capital
Fonte: Dados da pesquisa

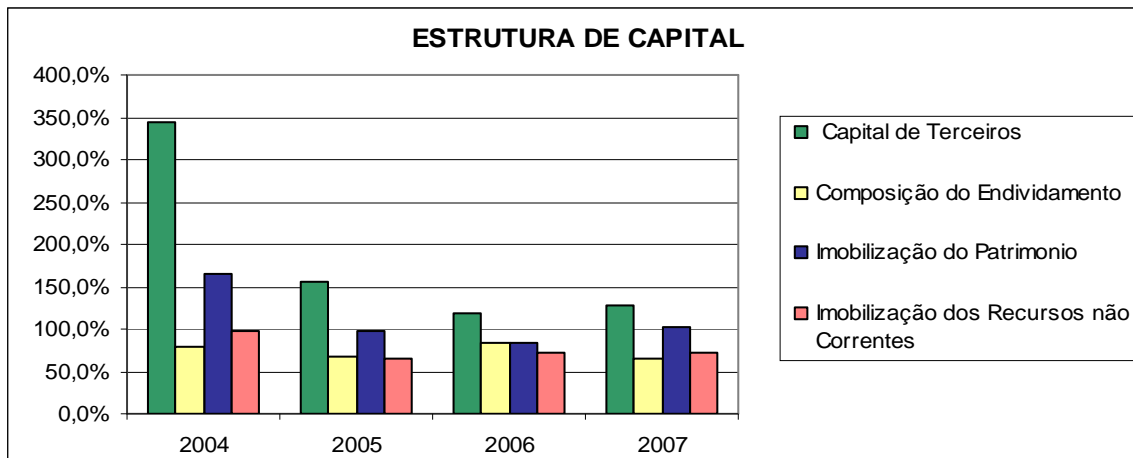


Gráfico 07 – Índices de Estrutura de Capital

A participação do capital de terceiros é um indicador de dependência de capital de terceiros, por parte da empresa.

No primeiro ano, o Capital de Terceiros esteve bastante alto e nos anos seguintes houve uma redução de mais de 100% em relação ao primeiro ano, esse fato pode ser explicado devido aos lucros obtidos que permite que a CASLO tenha mais disponibilidade de capital próprio para investir na atividade, diminuindo a necessidade de obter fundos vindo de entidades financeiras.

A composição do endividamento que avalia o montante de obrigações a Curto Prazo mostra que a maior parte das obrigações mantiveram-se no curto prazo mas que a cooperativa conseguiu melhorar o perfil da dívida, pois em 2004 tinha 79,7% de suas dívidas vencíveis a curto prazo e que em 2007 este percentual caiu para 66,2%.

Quanto à imobilização do Patrimônio os índices mostram que somente em 2005 e 2006 a cooperativa disponibilizou de recursos próprios para o ativo circulante, pois em 2004 e no último ano a empresa investiu no ativo permanente mais de 100% do PL.

Outro índice avaliado foi a Imobilização dos Recursos não Correntes, esse apresentou uma melhora significativa, pois em 2004 era de 96,8%, passou para 65,2% em 2005 e manteve-se em torno de 71% nos anos seguintes, é importante que a cooperativa consiga diminuir esse índice, pois quanto menor, mais folga financeira ela terá, ou seja, ela pode aplicar os recursos do Exigível a longo prazo no ativo circulante que se realiza mais rapidamente do que ativo permanente tendo mais tempo para pagar é financeiramente mais viável.

A avaliação de uma forma geral mostra que a Cooperativa obteve melhora na maioria de seus índices, alguns com valores significativos e outros com menos expressividade, mas nem por isso menos importante.

4.4.2 Liquidez

A apuração dos índices de Liquidez mostra a situação financeira da Cooperativa e a avaliação desse índice é feita a partir da idéia de quanto maior melhor. O quadro 08 e o gráfico 08 mostram o resultado apurado através dos cálculos:

	2004	2005	2006	2007
Liquidez Geral	0,81	1,01	1,13	0,98
Liquidez Seca	0,68	1,05	0,85	0,96
Liquidez Corrente	0,82	1,27	1,05	1,19

Quadro 08 – Resultado dos Índices Avaliados na Liquidez
Fonte: Dados da pesquisa

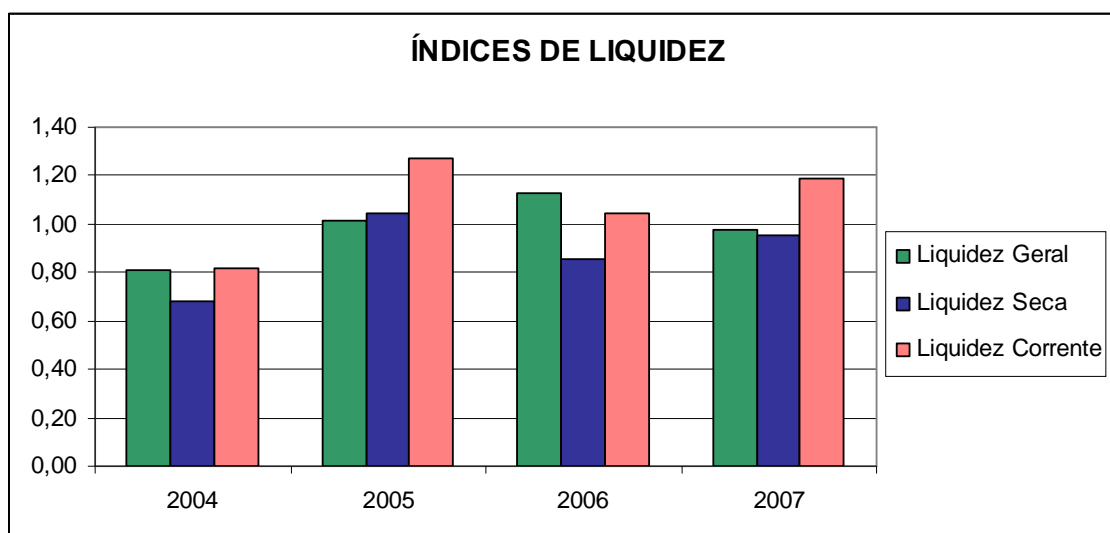


Gráfico 08 – Resultado dos Índices Avaliados na Liquidez

A Liquidez Geral indica quanto a Cooperativa possui de Ativo Circulante e Realizável a Longo Prazo para cada R\$1,00 de dívida total. O resultado mostra que

por dois períodos, 2004 e 2007, o valor esteve abaixo de um que é o mínimo necessário. Em 2005 e 2006, mesmo estando com capacidade de pagamento superior a R\$ 1,00, a folga não foi expressiva, ficando bem pouco acima do desejável.

O índice de Liquidez Seca exclui o estoque e através de seus ativos de rápida conversibilidade monetária mede a capacidade de pagamento a Curto Prazo. O resultado mostra que somente em 2005 o resultado foi acima da média, nos demais períodos e principalmente em 2004 a capacidade de pagamento foi bem inferior que R\$ 1,00.

A Liquidez Corrente leva em conta o Passivo Circulante e o Ativo Circulante, o cálculo desse índice mostra que da mesma forma que a Liquidez Geral, em 2004 ocorreu uma falta de dinheiro, já nos anos seguintes esse índice apresentou melhoras ficando acima de um.

A avaliação dos Índices de Liquidez mostra que em alguns períodos a cooperativa não possuía liquidez, e nos casos em que ela conseguia liquidar suas obrigações a folga financeira foi pequena. Os índices baixos não são alarmantes, mas nem por isso devem ser descuidados.

4.4.3 Rentabilidade

Os Índices de Rentabilidade indicam o rendimento obtido com investimentos, a avaliação desses índices deve levar em conta que quanto maior melhor. O quadro 09 e o gráfico 09 mostram o resultado desses índices:

	2004	2005	2006	2007
Giro do Ativo	2,52%	2,71%	2,25%	2,56%
Margem Líquida	3,19%	6,47%	3,08%	2,86%
Rentabilidade do Ativo	8,03%	17,55%	6,92%	7,32%
Rentabilidade do PL	35,70%	44,70%	15,19%	16,70%

Quadro 09 – Resultado dos Índices Avaliados na Rentabilidade
Fonte: Dados da pesquisa

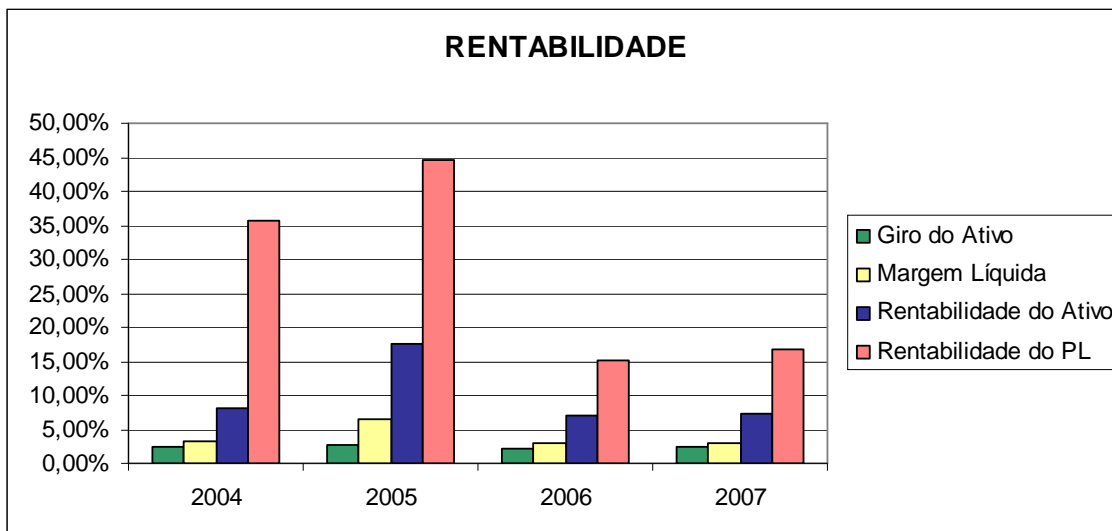


Gráfico 09 – Resultado dos Índices Avaliados na Rentabilidade.

O Giro do Ativo representa o montante de Vendas Líquidas em relação ao total do Ativo. Durante os quatro períodos analisados não houve crescimento, pois a média manteve-se em 2,51%.

A Margem Líquida mostra quanto a Cooperativa obteve de lucro sobre o montante vendido. Como esse cálculo toma por base o Lucro, foi no ano de 2005 onde ocorreu o maior crescimento atingindo 6,47%, nos demais períodos a média girou em torno de 3%.

A Rentabilidade do Ativo mostra a taxa de retorno do lucro para o Ativo. No período de 2005 esse índice chegou a 17,55%, mais que o dobro de 2004 que esteve em 8,03%. Nos dois últimos períodos esse índice ficou em torno de 7%. A disparidade apresentada em 2005 deve-se principalmente ao Lucro que como já dito anteriormente cresceu 119,65%.

Quanto a Rentabilidade Patrimônio este índice apresentou uma sensível queda em 2006 e 2007 girando em torno de 15% e 16% enquanto que no período inicial este índice era de 35,70% e 44,70%. Essa redução é devida à queda do Lucro Líquido, pois os valores de 2005 deixaram o Passivo maior e nos anos seguintes o Lucro não atingiu a mesma proporção e por isso causou essa diferença.

4.5 PRAZOS MÉDIOS

O levantamento dos Prazos Médios demonstra os intervalos de tempo para pagamento de fornecedores, recebimento de vendas e de renovação de estoque. Ainda através desse cálculo é possível saber se há um equilíbrio entre esses prazos, pois diferenças muito grande entre eles pode gerar ao longo do tempo, dificuldades de caixa para pagamentos. No quadro 10 verifica-se o resultado:

	2004	2005	2006	2007
Prazo Médio de Recebimento das Vendas	43	26	40	46
Prazo Médio de Renovação dos Estoques	13	14	16	13
Prazo Médio de Pagamento das Compras		15	21	18

Quadro 10 – Prazos médios

Fonte: Dados da pesquisa

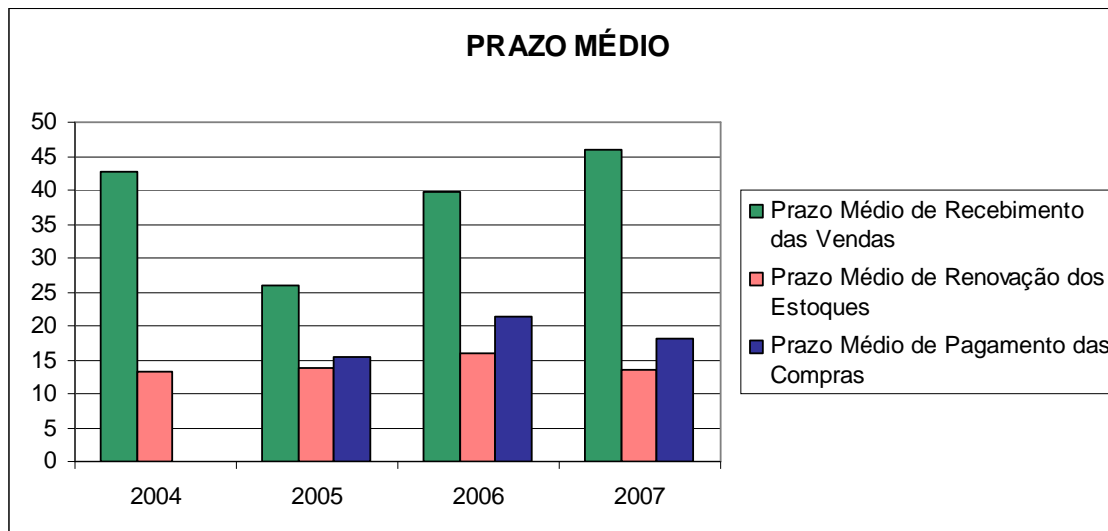


Gráfico 10 – Cálculo dos Prazos Médios

O Prazo Médio de Recebimento de Vendas (PMRV) mostra que em 2005 foi o período onde a CASLO vendeu com o menor prazo 26 dias, nos anos seguintes percebe-se que houve um aumento chegando a 46 dias em 2007.

Já o Prazo Médio de Pagamento de Compras (PMPC) no último período foi bem menor que o de recebimento ficando em 18 dias. Nos anos anteriores esteve com período igual ou um pouco superior.

A diferença de prazos pode gerar dificuldades de caixa se a empresa não tiver folga financeira capaz de suprir, pode-se dizer que a diferença é bastante considerável, mas se levar em conta os resultados da análise de liquidez é importante que essa diferença de prazo não aumente ainda mais.

Quanto ao prazo médio de renovação de estoques os índices baixos indicam que não há estoque parado, a CASLO adquire e vende na mesma proporção. A média manteve-se praticamente a mesma entre os quatro períodos analisados, isso indica ainda, que há uma boa organização nesse aspecto permitindo um fluxo de entradas e saídas de estoques programados.

4.6 NECESSIDADE DE CAPITAL DE GIRO

A Necessidade de Capital de Giro é obtida através da diferença entre o Ativo Circulante Operacional e o Passivo Circulante Operacional, os valores mostram que nos anos de 2004 e 2007 houve maior necessidade de Capital de Giro, isso ocorre geralmente quando a empresa intensifica sua atividade, ou seja, passa a vender ou investir mais ou ainda quando passa a vender com prazo de recebimento mais prolongado.

	2004	2005	2006	2007
NCG	714.886,53	704.343,71	635.368,52	915.223,90

Quadro 11 – Necessidade de Capital de Giro
Fonte: Dados da pesquisa

Os valores que há no quadro 11, foram apresentados no gráfico 11.

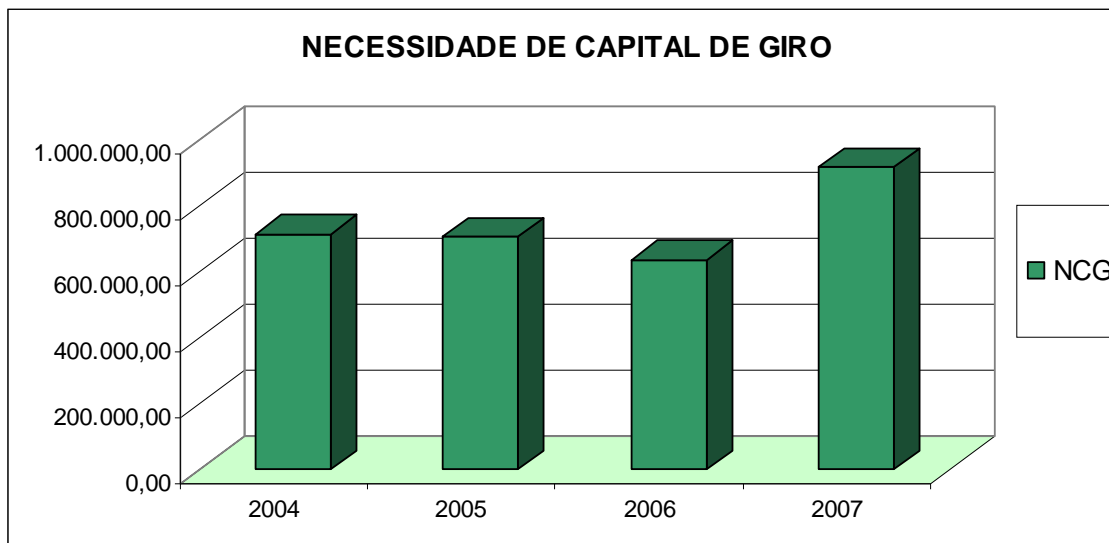


Gráfico 11 – Necessidade de Capital de Giro
Fonte: Dados da pesquisa

De acordo com os valores apurados o que se percebe é que em 2007, foi o período onde ocorreu a maior NCG, foi também nesse período em que ocorreu o maior volume de Vendas Líquidas e o maior Prazo de Recebimento das Vendas.

O fato de ocorrer um crescimento da NCG não significa que há problemas, porém é fundamental que essa necessidade seja suprida com fontes financiadoras que tenham as menores taxas de juros aliadas aos melhores prazos de pagamento o que pode garantir tranquilidade para financeira para se efetuar os pagamentos.

4.7 GRAU DE ALAVANCAGEM FINANCEIRA

A necessidade de obtenção de capital de terceiros é comum entre as empresas e Cooperativas, porém essa captação deve levar em conta as vantagens que são possíveis adquirir, pois se os custos forem maiores e sempre maiores, há riscos de falência, isso porque uma entidade deve sempre obter lucros para ir adiante com sua atividade.

Para saber se a captação de recursos é viável o cálculo pode ser feito através do Grau de Alavancagem Financeira (GAF),

No quadro 12, mencionou-se os resultados da avaliação da CASLO, junto com cálculo do retorno sobre o Ativo, o custo da dívida e o retorno sobre o Passivo:

	2004	2005	2006	2007
Retorno s/ Ativo	4%	4%	1%	3%
Custo da dívida	3%	7%	24%	9%
Retorno s/ PL	36%	45%	15%	17%
GAF	10%	12%	13%	5%

Quadro 12 – Grau de Alavancagem Financeira
Fonte: Dados da pesquisa

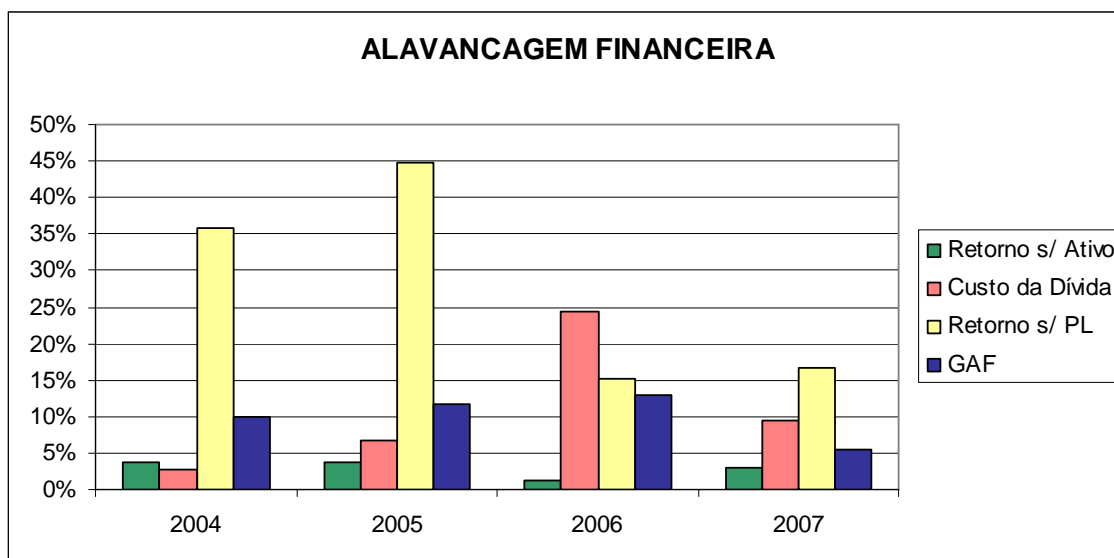


Gráfico 12 – Grau de Alavancagem Financeira

O Retorno sobre o Ativo mostrou-se baixo durante os quatro anos, principalmente em 2006 quando ficou em 1%. Já o custo da dívida esteve bem mais alto e em 2006 foi onde teve o pior resultado chegando a 24%, vale lembrar que foi nesse ano que a Cooperativa teve o pior resultado financeiro, como já visto na Análise Horizontal e Vertical da DRE foi também a 2006 que as despesas financeiras tiveram o seu maior peso.

O Retorno sobre Patrimônio obteve resultados melhores que o Retorno sobre o Ativo principalmente em 2005.

O índice do GAF é apurado a partir dos resultados acima apresentados, e o resultado disso mostra que há constantes variações, mas indica que está sendo vantajoso captar recursos de terceiros.

4.9 RELATÓRIO FINAL

Conforme a proposta apresentada nos objetivos específicos deste trabalho, neste relatório final, é apresentada de forma resumida os principais pontos avaliados no estudo de caso.

A avaliação da CASLO mostra que a mesma vem tendo um crescimento de maneira descontínua, com variações nas suas contas período para mais, período para menos. Por se tratar de uma cooperativa o objetivo central da mesma não é o lucro, porém isso não significa que não seja importante, ou que não seja visado, pois é a partir do lucro que uma empresa ou nesse caso uma cooperativa podem dar continuidade nas suas atividades comerciais.

Como dito, o crescimento ocorreu de forma oscilante, mas em nenhum dos quatro anos avaliados ocorreu prejuízo e isso é bom principalmente se for levado em conta o fato de que a mesma teve no passado muitas dificuldades financeiras, sendo obrigada a optar pela redução de suas unidades e quadro de colaboradores, além de mudar certos métodos ou forma de atuação no município e região.

Resumindo os resultados dos índices o que se percebe é que da mesma forma como ocorreu lucros variáveis os índices também tiveram variações positivas e negativas.

A variação dos índices de Estrutura de Capital, de forma geral, foi positiva, pois a maioria dos índices apresentou reduções significativas, principalmente o de Capital de Terceiros que reduziu entre 2004 e 2007 quase 167%, os demais índices também não deixaram a desejar mesmo com reduções menores.

Em 2004 os índices de liquidez estiveram abaixo de um em sua maioria, indicando que nesse ano a cooperativa não possuía condições de saldar seus compromissos, porém ano seguinte ocorreu uma melhora, já nos dois últimos anos ocorreram algumas reduções não muito grandes, mas como o crescimento foi bem reduzido qualquer queda pode resultar em dados negativos.

Quanto aos índices de rentabilidade as maiores variações foram em 2005, isso porque o lucro líquido nesse ano foi o maior registrado durante os quatro anos. Os demais períodos apresentaram variações, pois os mesmos são calculados na maioria tomando-se por base o lucro líquido. Os altos e baixos do lucro não são motivo de alarme, pois apesar de um ano ser menor que o outro, sempre foi positivo.

Referente aos seus prazos médios a CASLO possui uma política de compra e venda desproporcional, ou seja, em alguns períodos há uma diferença muito grande entre os prazos de recebimento e pagamento das contas, principalmente em 2007 onde foi verificada a maior diferença entre o pagamento a fornecedores de 18 dias, e a de recebimento que foi de 46 dias. E quanto ao prazo médio de renovação de estoques, existe um controle muito bem feito pois nos quatro períodos a variação foi muito pequena, isso mostra que há um giro adequado de entradas e saídas de mercadorias de acordo com a necessidade, e isso evita que ocorra produtos e capital parados.

A apuração da Necessidade de Capital de Giro mostrou uma diminuição acentuada em 2005 e 2006, porém em 2007 ocorreu um aumento bastante elevado, e como já dito anteriormente, isso pode ocorrer com muitas empresas e resulta principalmente devido a intensificação das atividades. No caso da CASLO, além de ocorrer um aumento das vendas o prazo de recebimento também ficou mais prolongado. A Necessidade de Capital de Giro pode ser suprida por fontes financiadoras, porém é fundamental que haja o cuidado de se observar os prazos para pagamento e as taxas de juros que serão pagas. Como sugestão a cooperativa poderia procurar financiamentos e empréstimos de longo prazo, pois a maior parte de sua dívida esteve concentrada no curto prazo essa situação não é favorável.

Com base nos cálculos mencionados a verificação do GAF, obteve resultados muito bons nos três primeiros anos e no último devido à redução do PL o índice não foi tão elevado como os demais, mas ainda assim muito bom.

Nesse ponto pode-se dizer que o GAF poderia ter uma avaliação mais positiva se não ocorresse um custo tão elevado das dívidas, esse custo, é em forma de juros que são pagos consumindo o capital dos sócios ou o lucro.

O GAF foi favorável indicando que a cooperativa pode continuar captando recursos de terceiros porque isso tem sido vantajoso.

A avaliação de maneira geral mostra que a Cooperativa CASLO, mesmo diante de muitas dificuldades que já passou ou que ainda enfrenta é organizada e trabalha de forma responsável com seus associados possibilitando a eles retornos positivos.

O fato de nem todos os pontos serem tão bons quanto outros não significa má gestão, o que ocorre é que depois que uma organização passa por muitas dificuldades financeiras como é o caso da CASLO, muitas vezes são necessários anos para que tudo volte ao normal. E como foi possível verificar a cooperativa está

se recuperando, a atividade está crescendo, e ao observar a conta de perdas acumuladas percebe-se que havia prejuízos a compensar e no último ano esta conta está zerada.

A capacidade de recuperação é notável e certamente resulta da participação de todo o conjunto de associados e dirigentes. A continuidade da Cooperativa depende principalmente do envolvimento dessas pessoas, que devem sempre tomar os pontos positivos como referência e os pontos negativos como um assunto relevante e tratar os mesmos com seriedade.

Toda situação que pede mais atenção tem seu lado positivo, pois permite que se redesenhem novas estratégias com o objetivo de eliminar os pontos negativos evitando futuros transtornos e ainda possibilitando a melhora nos rendimentos obtidos com a atividade.

Os fatores que geram divergências muitas vezes são alheios às decisões da administração, pois podem decorrer da influência de fatores externos, como a entrada de novos concorrentes no mercado, queda ou aumento dos preços, influenciados pela oferta e procura, pela legislação estadual e federal, ou ainda pelas taxas de juros junto a instituições financeiras. Porém, isso não impede que se tracem novas estratégias, pois a cooperativa deve estar atenta as tendências de mercado e as necessidades de seus cooperados, adaptar-se a elas e apresentar o seu diferencial, tornando-a competitiva e fortalecida com sua presença no município.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escolha do tema para este trabalho, surgiu do interesse pela disciplina “análise das demonstrações contábeis” que motivou a procurar a Cooperativa Agropecuária de São Lourenço do Oeste CASLO a fim de desenvolver o presente estudo de caso, sendo que a mesma também mostrou interesse no trabalho e forneceu todos os dados e documentos necessários para a realização do estudo de caso.

Com relação aos objetivos desse trabalho: elaborar a análise das Demonstrações Contábeis para a Cooperativa Agropecuária – CASLO a fim de avaliar seu desempenho durante o período analisado e gerar informações úteis para tomada de decisão, o mesmo foi alcançado, pois não houve impedimentos na realização dos cálculos e o resultado da análise pode ser aproveitado pelos administradores e demais interessados para avaliação da mesma durante o período analisado.

Após a reestruturação do balanço patrimonial e da demonstração do resultado do exercício com a padronização de suas contas efetuou-se a aplicação dos métodos de avaliação, sendo que a análise foi realizada com auxílio de quadros e gráficos explicativos elaborados para facilitar a interpretação dos resultados. No final também foram inseridos comentários seguidos de um relatório sobre o resultado, mostrando de maneira resumida os índices da cooperativa.

Conforme exposto no relatório final, a cooperativa não obteve grandes sobras, pois o CMV é bastante elevado por se tratar de cooperativa agropecuária, e além disso a despesa operacional também é elevada, mesmo assim a CASLO vem melhorando seu desempenho no decorrer dos períodos, o que mostra que a mesma vem administrando corretamente seus direitos e obrigações. Em alguns pontos ocorre a necessidade de uma reavaliação das estratégias ou forma de aplicação dos recursos, mas isso não tira o reconhecimento do trabalho realizado com o intuito de dar à cooperativa os melhores resultados possíveis.

Sendo assim, entende-se que a cooperativa está administrando o capital de seus associados e de terceiros de forma que está possibilitando a geração de novos recursos.

No decorrer do trabalho foi visto que algumas contas precisam de uma

atenção especial. Sugere-se que a cooperativa faça um estudo sobre as mesmas e procure soluções alternativas que não comprometam outras contas. A reavaliação e a execução de medidas que elimine ou minimize as deficiências, podem evitar que no futuro ocorram outras reduções nos resultados da cooperativa.

Para os próximos períodos, a cooperativa pode-se utilizar dos mesmos métodos de análise ou parte deles para medir o seu crescimento e suas sobras.

Os cálculos utilizados para realização deste trabalho foram montados em planilhas de Excel e podem ser acrescidos de outros dados fazendo-se algumas alterações conforme houver a necessidade da cooperativa.

A análise pode ser utilizada não somente como uma ferramenta para tomada de decisão, mas também como uma forma de acompanhamento do crescimento ou avaliação das sobras nos períodos futuros da cooperativa, detectando pontos mais fracos e trabalhando-os com o intuito de evitar que os mesmos interfiram na atividade fim e continuação da mesma.

REFERÊNCIAS

CORDEIRO FILHO, José Bernardo. **Estrutura e análise de demonstrações contábeis**: uma abordagem prática. São Paulo: Atlas, 1978.

CREPALDI, Silvio Aparecido. **Curso Básico de Contabilidade**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

FACHIN, Odília. **Fundamentos de Metodologia**. 3. ed. São Paulo: Saraiva, 2001.

FRANCO, Hilário. **Estrutura, Análise e Interpretação de Balanços**. 12. ed. São Paulo: Atlas, 1989.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

IUDÍCIBUS. Sérgio de. **Análise de Balanço**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 1998.

IUDÍCIBUS. Sérgio de; MARION, José Carlos. **Introdução à Teoria da Contabilidade para nível de graduação**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

MARION, José Carlos. **Contabilidade Empresarial**. 11. ed. São Paulo: Atlas, 2005.

MATARAZZO, Dante C. **Análise Financeira de Balanços, Abordagem Básica e Gerencial**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

BRASIL. Lei n 11638 de 28 de dezembro de 2007. Altera e revoga dispositivos da Lei n 6404, de 15 de dezembro de 1976 e da Lei n 6385, de 7 de dezembro de 1976.

BRASIL. Lei n 6404 de 15 de dezembro de 1976. Dispõe sobre as sociedades por ações. **Diário Oficial da União**. Brasília, 17 dez. 1976.

APÊNDICES

BALANÇO PATRIMONIAL (R\$)

ATIVO											
	2004,00	AV(%)	2005,00	AV(%)	AH(%)	2006,00	AV(%)	AH(%)	2007,00	AV(%)	AH(%)
ATIVO CIRCULANTE	2058475,27	50,44	2246441,99	52,39	9,13	2147217,66	48,11	-4,42	2506075,74	44,12	16,71
FINANCEIRO	217993,76	5,34	192691,06	4,49	-11,61	122422,19	2,74	-36,47	83285,51	1,47	-31,97
Disponível	217993,76	5,34	92686,38	2,16	-57,48	122422,19	2,74	32,08	55648,97	0,98	-54,54
Aplicações Financeiras	0,00	0,00	100004,68	2,33		0,00	0,00	-100,00	27636,54	0,49	
OPERACIONAL	1840481,51	45,10	2053750,93	47,90	11,59	2024795,47	45,37	-1,41	2422790,23	42,66	19,66
Clientes	1233039,56	30,22	854693,60	19,93	-30,68	1129229,76	25,30	32,12	1888985,80	33,26	67,28
Estoques	338121,08	8,29	400455,05	9,34	18,44	393386,58	8,81	-1,77	486768,40	8,57	23,74
Outros Créditos	269320,87	6,60	798602,28	18,63	196,52	502179,13	11,25	-37,12	47036,03	0,83	-90,73
REALIZÁVEL A LONGO PRAZO	513349,88	12,58	396367,44	9,24	-22,79	599574,39	13,43	51,27	616239,75	10,85	2,78
PERMANENTE	1509055,23	36,98	1644890,57	38,36	9,00	1716548,34	38,46	4,36	2557430,12	45,03	48,99
INVESTIMENTOS	425211,81	10,42	609189,06	14,21	43,27	707492,25	15,85	16,14	922400,65	16,24	30,38
IMOBILIZADO	1083843,42	26,56	1035701,51	24,16	-4,44	1009056,09	22,61	-2,57	1635029,47	28,79	62,04
TOTAL DO ATIVO	4080880,38		4287700,00		5,07	4463340,39		4,10	5679745,61		27,25
PASSIVO											
	2004,00	AV(%)	2005,00	AV(%)	AH(%)	2006,00	AV(%)	AH(%)	2007,00	AV(%)	AH(%)
PASSIVO CIRCULANTE	2521332,90	61,78	1764270,37	41,15	-30,03	2051971,54	45,97	16,31	2112937,89	37,20	2,97
FINANCEIRO											
Empréstimos e Financiamentos	1395737,92	34,20	414863,15	9,68	-70,28	662544,59	14,84	59,70	605371,56	10,66	-8,63
OPERACIONAL	1125594,98	27,58	1349407,22	31,47	19,88	1389426,95	31,13	2,97	1507566,33	26,54	8,50
Fornecedores	347395,68	8,51	450478,55	10,51	29,67	526556,78	11,80	16,89	662956,44	11,67	25,90
Outras Obrigações	778199,30	19,07	898928,67	20,97	15,51	862870,17	19,33	-4,01	66791,40	1,18	-92,26
EXIGIVEL A LONGO PRAZO	641719,08	15,73	839836,18	19,59	30,87	377196,36	8,45	-55,09	1077638,13	18,97	185,70
Empréstimos e Financiamentos	574227,87	14,07	772344,97	18,01	34,50	326486,47	7,31	-57,73	1010846,73	17,80	209,61
Outras Obrigações	778199,30	19,07	898928,67	20,97	15,51	862870,17	19,33	-4,01	844609,89	14,87	-2,12

PATRIMONIO LIQUIDO	917818,40	22,49	1683593,45	39,27	83,43	2034172,49	45,58	20,82	2489169,59	43,83	22,37
Capital Social e Reservas	1751250,22	42,91	2138611,88	49,88	22,12	2329681,22	52,20	8,93	2293359,29	40,38	-1,56
Perdas Acumuladas	-938439,12	-23,00	-833421,82	-19,44	-11,19	-455018,43	-10,19	-45,40	0,00	0,00	-100,00
Sobras a Disposição AGO	105007,30	2,57	378403,39	8,83	260,36	159509,70	3,57	-57,85	195810,30	3,45	22,76
TOTAL DO PASSIVO	4080870,38		4287700,00		5,07	4463340,39		4,10	5679745,61		27,25

DRE	2004,00	AV(%)	2005,00	AV(%)	AH(%)	2006,00	AV(%)	AH(%)	2007,00	AV(%)	AH(%)
RECEITA BRUTA	10408325,15	101,29	11909493,12	102,33	14,42	10265996,88	102,25	-13,80	14836266,31	102,02	44,52
Deduções	-13060,04	0,13	-22442,27	0,19	71,84	-26535,69	0,26	18,24	-58990,95	0,41	122,31
RECEITA OPERACIONAL LIQUIDA	10275459,33		11638605,78		13,27	10039681,77		-13,74	14542476,34		44,85
Custo Mercadoria Vendida	-9198790,35	89,52	-10446526,65	89,76	13,56	-8914091,99	88,79	-14,67	-13096842,87	90,06	46,92
LUCRO OPERACIONAL BRUTO	1076668,98	10,48	1192079,13	10,24	10,72	1125589,78	11,21	-5,58	1445633,47	9,94	28,43
DESPESAS OPERACIONAIS	-928963,01	9,04	-1028727,67	8,84	10,74	-1072717,52	10,68	4,28	-1270103,79	8,73	18,40
LUCRO ANTES OPERAÇÕES FINANCEIRAS	147705,97	1,44	163351,46	1,40	10,59	52872,26	0,53	-67,63	175529,68	1,21	231,99
RESULTADO FINACEIRO	57560,46	0,56	590582,92	5,07	926,02	-52709,92	0,53	-108,93	-70660,29	0,49	34,06
Despesas Financeiras	-83.754,50	-0,82	-177.048,58	-1,52	111,39	-594.973,43	5,93	236,05	-302.871,27	2,08	-49,09
Receitas Financeiras	141.314,96	1,38	767.631,50	6,60	443,21	542.263,51	-5,40	-29,36	232.210,98	-1,60	-57,18
PROVISÃO PERDAS	-23914,39	0,23	-121854,95	1,05	409,55	127204,69	1,27	-204,39	21915,48	0,15	-82,77
RESULTADO DE PARTICIPAÇÕES	142447,93	1,39	123536,36	1,06	-13,28	138556,34	1,38	12,16	297513,97	2,05	114,72
LUCRO OPERACIONAL LIQUIDO	323799,97	3,15	755615,79	6,49	133,36	265923,37	2,65	-64,81	424298,84	2,92	59,56
RESULTADO NÃO OPERACIONAL	6066,81	0,06	15216,96	0,13	150,82	48682,36	0,48	219,92	394,92	0,00	-99,19
LUCRO ANTES DOS IMPOSTOS	329866,78	3,21	770832,75	6,62	133,68	314605,73	3,13	-59,19	424693,76	2,92	34,99
PROVISÃO IMPOSTOS	-2170,58	0,02	-18271,99	0,16	741,80	-5663,96	0,06	-69,00	-9075,72	0,06	60,24
LUCRO EXERCICIO	327696,20	3,19	752560,76	6,47	129,65	308941,77	3,08	-58,95	415618,04	2,86	34,53